

A Sacerdotisa Celta

© 2015 – Ana Diegues

A Sacerdotisa Celta

Ana Diegues

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 - Vila Teixeira Marques
CEP 13480-970 – Limeira – SP
Fone/Fax: 19 3451-5440
www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio – eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação – sem permissão por escrito do editor.

Revisão: Mariléa de Castro
Projeto gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-85-7618-347-1
1ª Edição – 2015

• Impresso no Brasil • Presita em Brazilo

Produzido no departamento gráfico da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA
Fone: 19 3451-5440
e-mail: conhecimento@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Diegues, Ana
A Sacerdotisa Celta / Ana Diegues – Limeira, SP :
Editora do Conhecimento, 2015.

ISBN 978-85-7618-347-1

1. Espiritismo 2. Cultura celta I. Título

14

CDD – 133.9

Índices para catálogo sistemático:
1. Doutrina espírita : Espiritismo : 133.9

Aullus

A Sacerdotisa Celta

1ª edição
2015



Sumário

Introdução.....	3
Algumas palavras de Aullus	5
Para melhor compreender	7
Representação geográfica de nossa localização	10
— Capítulo 1.....	11
— Capítulo 2.....	14
— Capítulo 3.....	17
— Capítulo 4.....	20
— Capítulo 5.....	24
— Capítulo 6.....	27
— Capítulo 7.....	30
— Capítulo 8.....	37
— Capítulo 9.....	40
— Capítulo 10.....	44
— Capítulo 11.....	48
— Capítulo 12.....	54
— Capítulo 13.....	57
— Capítulo 14.....	62
— Capítulo 15.....	65
— Capítulo 16.....	68
— Capítulo 17.....	71
— Capítulo 18.....	77
— Capítulo 19.....	80
— Capítulo 20.....	86

– Capítulo 21	92
– Capítulo 22	98
– Capítulo 23	103
– Capítulo 24	107
– Capítulo 25	112
– Capítulo 26	121
– Capítulo 27	126
– Capítulo 28	133
– Epílogo	137

Introdução

1. A história da filosofia é um *continuum*, que nasce da primeira indagação do homem sobre a Natureza e depois sobre a vida e sobre ele mesmo. Da magia à religião e desta à filosofia o pensamento se desenrola numa sequência ininterrupta de formulações pessoais.

(...)

2. Na primeira paralela temos a sequência magia-religião, que se desenvolve no plano da afetividade. Na segunda paralela temos a sequência experiência-ciência-filosofia, que se desenvolve no plano da razão.

(...)

3. Arnold Toynbee¹ assinalou a relação entre religião e civilização, que se caracteriza do desenvolvimento dos ciclos naturais. A teoria dos ciclos vem de longe e teve grande voga entre os gregos. Cada ciclo é uma fase do desenvolvimento cultural, que se encerra para dar início a outro. (...) Duas novas civilizações lutavam para definir-se, asfixiadas pelo poder romano: a judaica, na Ásia e a celta, na Europa.

(...)

4. Foi então que surgiu a síntese cristã, infiltrando-se na Europa com seus princípios renovadores, minando o Império Romano em suas bases e encontrando ressonância na cultura celta. O cristianismo iniciava um

¹ Arnold J. Toynbee – (1889/1975), sobrinho de Arnold Toynbee (economista) e Paget J. Toynbee (filólogo e um estudioso de Dante Alighieri), que o influenciou ao gosto pela pesquisa e leitura. Sua obra prima, *Um Estudo de História*, é uma investigação sobre o nascimento, desenvolvimento e queda das civilizações. (Nota da autora).

novo ciclo, que iria desenvolver-se penosa, mas rapidamente, graças à dinâmica social dos seus princípios. O esplendor da filosofia grega deixaria na sombra os princípios do celtismo. Mas Aristóteles já havia advertido que os celtas era o único povo filósofo do mundo. Dois milênios passariam na estruturação dos primórdios da Civilização Cristã, impregnada de resíduos greco-romanos e judeus. Mas as sementes do druidismo, religião dos celtas, aguardavam no chão da Europa o momento propício à sua germinação. Coube a Allan Kardec um nome druida — revelar a sintonia celta-cristã e anunciar o nascimento de um novo ciclo.

Do livro *Introdução à Filosofia Espírita*, de J. Herculano Pires – Introdução.

Como citado, J. Herculano Pires, em seu livro *Introdução à Filosofia Espírita*, traz na introdução da obra certos conceitos que embasam a característica da evolução humana, no que diz respeito à sua compreensão e conseqüente evolução, mostrando a necessidade da pesquisa e do estudo para entender a incessante busca do homem, sobre sua origem, material ou divina (espiritual).

Antes de continuar qualquer comentário é importante conceituar aqui o termo magia, que o autor cita em sua escala de conhecimento (segundo parágrafo) e que não tem nenhuma ligação com mágica, mas tem com o estudo do que por muito tempo foi chamado de ocultismo. Na Antiguidade, já existia a Ciência Sagrada que estudava os segredos e forças da natureza e sua ligação com o homem. Nesse estudo há um conjunto de teorias e práticas que visam ao desenvolvimento integral das faculdades espirituais (ocultas) do ser, com objetivos de alcançar assim o total domínio de si mesmo. As características ritualísticas e cerimoniais eram o facilitador do contato entre o homem e os aspectos ocultos da natureza, do Universo e da Divindade (Deus/Criador).²

Faz ainda uma analogia do entendimento humano com

² Eram chamados de magos, os estudiosos da magia. Um exemplo que podemos citar, e que todos conhecem: os três reis magos que visitam Jesus logo após seu nascimento. Aqui o nome, “magos”, refere-se à religião, muito provável, de seguidores de Zoroastro, mas independente disto, eram estudiosos do ocultismo, ou magia.

duas paralelas, onde a primeira paralela seria a sequência magia-religião, quando o ser é tocado em seu lado afetivo ou emocional, ou seja, num primeiro momento nossa curiosidade nasce a partir da emoção e do sentir. A segunda paralela é a sequência experiência-ciência-filosofia, que aparece quando o homem já tem condições de atuar pela razão: experimenta, conceitua e somente após a compreensão total até este estágio, ele parte para os porquês da vida e do ser.

Em outro parágrafo (quarto parágrafo) o autor, baseado na afirmação de diversos historiadores e filósofos, mostra que nossa compreensão é baseada em ciclos de entendimento e talvez por isso alguns ensinamentos da Antiguidade ficaram por milênios na sombra, aguardando pacientemente o momento certo ou propício para reaparecer. Talvez as sementes citadas no texto façam parte de um ciclo e a fertilização do solo seja outro ciclo, a junção dos dois um terceiro... Não sabemos, mas sabemos que muitos ensinamentos e muitas sementes ficaram esquecidos, porém nunca perdidos.

As próximas páginas, vindo ao encontro das palavras de J. Herculano Pires, trazem as sementes do druidismo. Quando a humanidade estava ainda na primeira paralela de entendimento magia-religião. Certa inocência permeava os dias e as ações desse povo, que não sabia os porquês da vida como muitos sabem hoje, mas já conhecia e praticava as Leis Divinas pela solidariedade, caridade e amor.

Segundo os intelectuais do Iluminismo, a humanidade viveu longo período de escuridão no conhecimento (outro ciclo da compreensão? Talvez!), mas nem este período dizimou as verdadeiras sementes; estavam quietinhas e protegidas à espera do solo fértil, do clima propício e do agricultor dedicado.

Um agricultor que muito provavelmente ajudou a separar as melhores sementes para plantá-las milênios depois, nas bases do espiritismo.

Ana Diegues

Algumas palavras de Aullus

Nossas memórias podem causar muitos problemas, e não é a toa que a cada reencarne passamos pelo esquecimento de tudo e de todos que participaram de nossas vidas, compartilhando sentimentos e ideais bons ou não.

Mas certas situações, ou pessoas, não estão verdadeiramente esquecidas e, não raro, nos pegamos lembrando situações que “nunca” aconteceram, ou reconhecemos pessoas que “nunca” conhecemos. Um momento, um cheiro, um som, qualquer coisa basta para nos remeter ao passado que conscientemente desconhecemos, mas que nossa alma reconhece; e se delicia ao reencontrar pessoas que foram importantes em nossa caminhada.

Os grandes e verdadeiros amigos, os amantes, pais, irmãos de sangue ou de afinidade e o amor que supera as distâncias ou as dimensões, são sentimentos inesquecíveis à nossa alma... Ao nosso espírito.

A Terra, este planeta querido, nos serve de morada há milênios e é lógico termos como certo que nossas encarnações não estão limitadas às últimas centenas de anos, mas mesmo vindos de outros orbes, este planeta nos acolhe como seus filhos há tempos que não temos condições de precisar.

Muitos chegaram à Terra quando ela ainda estagiava no primitivismo, e mesmo não gostando, ou duvidando desta afirmação, vários seres daquela época ainda fazem parte dos bilhões de encarnados que se espalham pela superfície deste planeta, nosso lar espiritual. De lá pra cá muito se descobriu, muito se viveu, e conforme o conhecimento tecnológico e o poder que

dele advém cresceram, a moral decresceu.

Importante dizer que não me refiro à moral dos encarnados, que de tempos em tempos se modifica, já que está ligada aos conceitos e éticas ditas sociais; refiro-me à moral divina, perfeita e imutável.

Nesses séculos passados, muitos dos antigos povos foram dizimados pela guerra, instituída pelo homem desejoso de conquistar novos territórios, aumentando reinos e poder; e também por representantes da fé, que desejavam impor uma crença equivocada. Infelizmente, junto com os povos, parte do conhecimento que lhes pertencia foi perdida e outra parte foi retransmitida de forma torpe, com objetivos de fixar o medo e obter controle.

Os celtas, por exemplo, eram um povo cujo exercício da fé era intimamente ligado à natureza. Espiritualizados, este povo assistiu à contaminação de seus valores, à transformação de suas crenças e por fim, acabaram exterminados. Poucos sabem que as aldeias celtas existiam há milênios, bem antes de Jesus andar entre nós.¹

Os celtas respeitavam a natureza e se incorporavam a ela, acreditavam no espírito e na reencarnação. O sacerdócio e a medicina se confundiam e os processos de cura baseavam-se no poder das ervas e da imposição das mãos, ou o que hoje chamamos de fitoterapia e passes, respectivamente.

Vale aqui uma observação: atualmente há vários estudos sobre a cultura celta, mas praticamente todas as informações que a História possui, são baseadas em textos gregos e romanos, provavelmente alterados e adaptados. Exatamente por isso, hoje há muitas versões equivocadas sobre o comportamento e a religião desta cultura; porém nossa intenção é apenas contar

1 A origem do povo celta é controversa e especula-se que apareceram entre 1.900 e 1.500 a.C., porém Daniel Bradley e sua equipe propôs uma origem muito mais antiga para as comunidades da costa do Atlântico: pelo menos 6.000 anos atrás, ou até antes disso. Os grupos migratórios que deram origem aos povos celtas do noroeste europeu teriam saído da costa atlântica da península Ibérica nos finais da última idade do gelo e ocuparam as terras recém-libertadas da cobertura glacial dessa área, deslocando-se depois para as áreas continentais mais distantes do mar. Outro cientista, o geneticista Bryan Sykes, confirma esta teoria no seu livro *Blood of the Isles* (2006), a partir de um estudo efetuado pela equipe de geneticistas da universidade de Oxford. O estudo analisou amostras de DNA recolhidas de 10.000 voluntários do Reino Unido e Irlanda, permitindo concluir que os celtas que habitaram estas terras — escoceses, galeses e irlandeses —, eram descendentes dos celtas da península Ibérica que migraram para as ilhas Britânicas e Irlanda entre 4.000 e 5.000 a.C.

uma história. Nada mais!

A época aqui relatada é muito anterior aos romanos e à rivalidade que existiu entre eles (gauleses e romanos). Nossa localização era próxima à nascente do rio Danúbio, entre o sul da Alemanha e norte da Suíça² e a comunidade era composta de pequenos clãs (ou famílias), que formavam uma aldeia, que por sua vez, formavam a comunidade.

Quando a comunidade atingia determinado número de habitantes era dividida, e um novo grupo se formava, buscando novas terras para viverem. Cada comunidade era completamente independente da outra, ligadas apenas pela religião e a organização social. Historicamente, o povo considerado como “celta” é o povo que tem como característica básica esta independência e certos conceitos religiosos; não estão ligados à etnia ou país.

Como nunca possuíram um reino central, ou seja, um mesmo rei para diversas comunidades, como fizeram os romanos, por exemplo, os celtas não são reconhecidos como um “grande reino”, mas eles se espalharam por todo o continente europeu, atravessando mares e chegando a lugares bem distantes do ponto de origem, mas cada comunidade com seu rei.

Infelizmente, com a transformação e a divulgação deturpadas de suas reais crenças e valores, os últimos celtas são mais conhecidos por seus guerreiros, por sua rivalidade com os romanos, e pelos supostos sacrifícios que realizavam como povo pagão;³ ou pela figura lendária do mago Merlin,⁴ cujo comportamento está mais ligado ao extraordinário do que à realidade, e de época bem mais recente do que a mencionada e vivida nas páginas a seguir.

Talvez a verdade esteja no meio dessas duas pontas, onde acharemos um povo cujos guerreiros existiam para defender suas aldeias dos animais selvagens e das intempéries climáticas; para desbravar terras para as novas comunidades, pois não se tomava uma comunidade já existente; ou seja, os guerreiros não existiam simplesmente para conquistar e matar como hoje se divulga; não naquele tempo.

2 A nascente do rio Danúbio é na cidade alemã de Donaueschingen, portanto a localização atual seria entre esta cidade e Schaffhausen, na Suíça.

3 Povo pagão = Povo do bosque

4 As lendas do rei Arthur

A magia, de que tanto se fala, existia na harmonia entre o homem e a natureza, não nos “feitiços” ou nos poderes extrasensoriais que vivem em nossa imaginação. Uma cura, para o entendimento da época, era magia (não mágico); não conhecíamos o processo energético da cura, fazia parte do “oculto”, da ciência sagrada, vinda do Criador.

Nas próximas páginas estaremos há aproximadamente 2.500 a.C., época onde vivíamos sob certa inocência científica, mas cometendo erros e acertos, como todos os seres em evolução, tentando sempre aprender e acertar.

Queremos mostrar também que a espiritualidade sempre esteve presente em todos os momentos de nossa existência terrena. Os espíritos sempre se comunicaram através de um mediador, afinal a mediunidade é inerente ao ser humano. A vidência, a psicofonia, a intuição, a mediunidade de cura, entre outras já eram praticadas, obviamente com certas diferenças. A mediunidade não era conhecida como hoje, só passou a ser estudada e pesquisada após o trabalho de Kardec.

O estudo, misturado à prática, trouxe algumas facilidades para os dois planos, mas qualquer estudo está vinculado aos limites de nossa compreensão. Além disso, existe uma única forma de se trabalhar com a espiritualidade desde os tempos mais remotos: o amor; e a qualidade deste sentimento, o amor, está ligada à evolução do ser.

Existem atualmente diversas crenças que trabalham com a espiritualidade e cada uma tem sua particularidade. Uma não é melhor que outra, ou mais eficaz; é o sentimento do trabalhador que dá qualidade e eficácia ao trabalho espiritual e não os gestos, as palavras, os templos, ou a fé rotulada.

O amor dedicado ao necessitado moral, cura!

O amor dedicado ao necessitado físico, cura!

O amor dedicado ao necessitado espiritual, cura!

O amor não julga, não condena, não oprime... o amor simplesmente ama e cura aquele que o sente, que o aplica e que o emana.

Aullus
Janeiro de 2014

Para melhor compreender

Como já comentado, os fatos aqui narrados ocorreram há cerca de 4.500 anos atrás, aproximadamente. A linguagem foi apropriada para nosso entendimento atual, algumas expressões e nomes foram preservadas, outras modernizadas, no intuito de obter a melhor representação e entendimento dos fatos relatados.

Como ilustração do costume de um povo, são detalhados alguns rituais pertencentes à prática religiosa da época, como por exemplo, os rituais dos quatro elementos e seus elementais. Não podemos esquecer que ainda hoje existem crenças que praticam rituais parecidos, e não cabe aqui nenhum julgamento ou crítica, mas seguindo os ensinamentos dos espíritos, sabemos que a ligação com o plano espiritual, com Deus ou com os espíritos amigos e/ou ignorantes se dá exclusivamente pelo pensamento, transformador de nosso envolvimento fluidico.

Acompanhando o texto, percebemos, desde aquela época, uma clara preocupação com os pensamentos, porém essa preocupação era instintiva. Não havia explicações científicas para provar qualquer influência dos pensamentos na vida ou na rotina diária.

Mas da mesma forma que hoje vamos ao centro espírita com objetivos de realizar uma ligação com Deus e com os espíritos benfeitores, criando inclusive uma disciplina de comportamento, os rituais aqui descritos tinham como objetivo manter a mente voltada e focada na oração e na comunhão com o Todo, disciplinando atitudes e pensamentos. Não podemos, também, descartar a ignorância científica existente, afinal o representan-

te religioso era também o médico, o farmacêutico e o professor, para não falar de outras profissões agregadas.

Mas deixando os rituais em seus devidos lugares e lembrando que da forma aqui detalhada, eles não passam de exercícios para disciplinar a ligação íntima com o plano maior, da mesma forma que se praticam hoje as meditações, percebe-se que muitos ensinamentos do espiritismo são encontrados e insistentemente cobrados à prática: conhecer a si mesmo, a reforma íntima, caridade, necessidade do controle emocional, a oração como caminho de ligação com o Alto, lei de causa e efeito etc., sem falar da mediunidade existente e já aplicada com disciplina moral.

Como veremos, o ser que tinha mediunidade, mas não seguisse o caminho do sacerdócio, não poderia realizar nada com seu *dom*, como chamávamos. A não ser que fosse convidado por um sacerdote a ajudá-lo.

Ao longo destas centenas de séculos muito se perdeu da sabedoria instintiva e confundimos nossa essência, e de “parte da natureza” viramos “donos da natureza”. O medo foi confundido com respeito, a liberdade confundida com a libertinagem e as paixões fúteis embasadas no desejo carnal confundidas com o verdadeiro amor que liberta e regenera.

É interessante saber, para melhor compreender, que não contávamos o espaço de tempo de forma linear como hoje, e sim circular. Um ciclo era composto de duas estações: verão e inverno, e ao terminar cada ciclo outro era iniciado imediatamente, sem intervalos ou interrupções; até aqui nada muito diferente, porém não existiam os meses ou a contagem de anos. A nossa idade era uma estimativa, como Aileen, por exemplo, que tinha quinze verões; algumas árvores só davam frutos após três floradas, e assim por diante; uma lua era uma semana e um sol era um dia, não tínhamos a contagem clássica de anos, ou dias, ou horas.

Nosso fim de ciclo era no inverno (associado à morte). Com a chegada do verão, por consequência “chegava” a vida, e se restabelecia e caracterizava o recomeço ou, como chamaríamos hoje, era como um ano novo, mas a comemoração era pela vida.

As festas e festivais que relatamos aqui, em sua nomencla-

tura mais moderna, eram os únicos praticados por nós naquela época; apenas quatro festivais, relacionados com as duas estações do ano: verão e inverno. Esses festivais eram como orações que oferecíamos ao Todo e aos deuses, pedindo que a natureza nos fornecesse o alimento necessário para a comunidade não passar fome. Não havia a fartura de hoje e dependíamos diretamente do clima para termos boa colheita.

Eram quatro festivais por ciclo, relacionados diretamente com a agricultura, com o solo e o plantio: no verão tínhamos o Festival da Fertilidade (31 de janeiro e 1º de fevereiro) e o Festival do Fogo (30 de abril e 1º de maio); no inverno o Festival da Colheita (31 de julho e 1º de agosto) e o *Sambain*, o Festival de Inverno ou da morte (31 de outubro e 1º de novembro). O inverno era um período muito difícil e os celtas acreditavam que neste período os maus espíritos ficavam soltos, pois era uma época de muito sofrimento e muitas perdas. Muitos aldeões morriam de frio ou fome, caso não houvesse uma colheita farta, que era estocada e alimentava a todos da comunidade. Lembrando: o festival da fertilidade era relacionado **apenas** ao solo e plantio, não havia ligação nenhuma com a fertilidade ou reprodução humana. Um conceito confundido e deturpado ao longo dos séculos.

Para terminar, certos nomes como *Sambain*, *Triskle*, *Trisqueta* são nomenclaturas de tempos muito mais recentes; porém são mencionados quando hoje se fala sobre a cultura celta. Aqui foram usados para melhor compreensão.

As expressões:

- *Minha Alma* – refere-se a espíritos que possuem grande afinidade espiritual, e compartilham objetivos e metas evolutivas. Quando encarnados podem ser grandes amigos, mas quando formam um casal invariavelmente estes espíritos devem prestar muita atenção para não enveredarem pelos caminhos equivocados da paixão material, principalmente quando certa evolução moral ainda não habita em seus corações.

- *Irmãos de Alma* – são os iniciados ao sacerdócio que formam um casal druida. Os irmãos de alma serão responsáveis pelo conhecimento, pela informação religiosa da aldeia e principal-

mente, pelo atendimento aos doentes, aos partos e aos funerais. Um será responsável pelo outro, até que um deles parta para o invisível. Atualmente poderíamos chamar de irmãos de alma os espíritos que compartilham ideais, são muito parecidos emocionalmente e possuem grande afinidade espiritual.

Para outros termos utilizados, havendo a necessidade, algumas referências de fim de página e alguns parágrafos explicativos tornam a mensagem e a leitura mais clara.

O único objetivo desta obra é o de auxiliar, de alguma forma, a todos que a lerem.

Este texto não tem nenhuma ligação com nosso querido codificador Allan Kardec, mas considerando que nosso espírito guarda todo conhecimento adquirido, posso aqui imaginar que Allan Kardec, o druida, aprendeu o suficiente para milênios mais tarde facilitar e trazer pela escrita, embasado na filosofia, ciência e religião os ensinamentos dos espíritos, sem a necessidade dos rituais descritos.

Boa leitura!

Representação geográfica de nossa localização



Distância percorrida - aproximadamente 1.000km.



1^a – Região de Versalhes



2^a – Região de Salisbury

Nossas aldeias eram no meio da natureza exuberante da floresta. Árvores, arbustos, flores, rios... Era a nossa fortaleza!

Tínhamos uma agricultura de subsistência, mas quase todo nosso sustento material e espiritual era retirado de, e mantido pela natureza que nos envolvia.

Em nosso círculo havia uma jovem, Aileen, que era muito querida. Tinha o frescor da juventude e no coração um sentimento puro e contagiante. Gentil com todos, aos poucos ela conquistava o coração do povoado, um respeito e amor que era destinado somente à sacerdotisa.

Aileen era filha de Atma, a sacerdotisa daquela aldeia, e aprendia conforme ia crescendo os ensinamentos de nossa crença e já participava, mesmo sendo muito jovem, de alguns rituais.

Por mais absurdo que hoje isso possa parecer, para nós não existia a responsabilidade paterna, pois teoricamente, os homens não tinham participação direta no nascimento de uma criança. A concepção era considerada de origem divina, um verdadeiro presente do Criador. Somente o amor devia unir um homem e uma mulher e a entrega do casal à pureza deste sentimento era abençoada com os bebês, que pertenciam à comunidade e às mães. A mulher, praticamente um ser sagrado, sangrava inexplicavelmente a cada período, e tinha o *poder da vida*. O período de gestação era o preparo necessário à alma que viria do invisível para o mundo visível.

Por ser considerada uma bênção ao sentimento puro que unia um homem e uma mulher, a gravidez não era tida como

consequência direta do ato sexual, até porque muitas uniões não recebiam no ventre uma criança. Por isso, os bebês e as crianças até seis anos eram “divinas”. Ao completar sete anos, as crianças participavam do primeiro ritual de iniciação espiritual. Era neste momento que aprendíamos o conceito do Criador e suas faces, a importância de vivermos em harmonia com a natureza e entre nós e a disciplina das orações e rituais diários.

As mulheres, principalmente as sacerdotisas, tinham filhos sem participarem de uma união marital ou qualquer outro vínculo. Quando resolviam se casar era unicamente por amor e porque assim desejavam. O pacto de união, ou o casamento, era realizado de comum acordo e na maioria das vezes os dois já possuíam filhos com outros parceiros, o que não afetava o convívio do casal. O casal, após assumir diante da aldeia e dos sacerdotes a vontade de viver um com outro, mantinha-se fiel à união, podendo sair dela quando desejassem, o que dificilmente acontecia. Se a mulher já tivesse filhos, as crianças seriam criadas pelo casal como se fossem filhos legítimos da união.

Aileen preparava-se para ser uma sacerdotisa, não por ser filha de Atma, mas por ter o perfil para isso: a bondade e a grande interação com a natureza favoreciam os dons da cura, e a facilidade na comunicação com o invisível; ou seja, a mediunidade que possuía. Ela conseguia, sem esforços, trabalhar com a essência das flores, das ervas e dos cristais, trazendo para os necessitados que a procuravam a paz e, em alguns casos, a cura desejada.

Mesmo muito jovem, ela desejava sinceramente ser a sacerdotisa de seu povo; além disso, ela tinha restrições ao comportamento da mãe e seu objetivo era ser completamente diferente dela, que aos olhos de Aileen, era orgulhosa e algumas vezes injusta; não compreendia algumas atitudes que a mãe tomava, e a crítica era constante nas conversas das duas.

Aos poucos, Aileen participava mais assiduamente dos rituais: na iniciação das crianças, para uma colheita farta e, principalmente, nos rituais de cura. Aquilo que chamamos de magia,¹

1 Todos utilizavam os benefícios das ervas, dos perfumes das flores e das cascas de algumas árvores. Era “mágico” saber o que misturar, como utilizar, que ervas aplicar para esta ou aquela enfermidade. Os seres que sabiam manipular este tipo de remédio eram considerados mágicos e também fazia parte da magia, a manutenção do ser através dos pensamentos sadios. Ninguém sabia que esta facilidade estava ligada à mediunidade do ser.